

TÓPICOS EM EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: RELATÓRIO DE UMA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL

ANTI-RACIST EDUCATION ISSUES: AN EXPERIENCE REPORT

Giselle Maria Santos de Araujo - Professora EBT de Língua portuguesa, Espanhol e Literatura brasileira do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) - Câmpus Alvorada. É mestra em Literatura comparada e doutoranda em Literatura hispanoamericana pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É coordenadora dos projetos de extensão “Autoras negras brasileiras: literatura para ter voz” e “Tópicos em Educação antirracista” e do curso de extensão “Espanhol Língua e Cultura”.

E-mail: giselle.araujo@alvorada.ifrs.edu.br

Stephanie Machado Paré - Estudante do Ensino Médio Técnico em Meio Ambiente do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Campus Alvorada. É bolsista do projeto de extensão Tópicos em Educação Antirracista na mesma instituição. E-mail: stephanie.pare.aluno@alvorada.ifrs.edu.br

Victória Costa Alves Mariano - Estudante do Ensino Médio Técnico em Meio Ambiente do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Campus Alvorada. É bolsista do projeto de extensão Tópicos em Educação Antirracista na mesma instituição. E-mail: victoria.mariano.aluno@alvorada.ifrs.edu.br

Natália Ceconelo Rodrigues - Estudante do Ensino Médio Técnico em Áudio e Vídeo do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Câmpus Alvorada. É bolsista do projeto de extensão Tópicos em Educação Antirracista na mesma instituição. E-mail: natalia.rodrigues.aluno@alvorada.ifrs.edu.br

RESUMO

Este texto tem como objetivo relatar a experiência que tivemos com o Projeto de Extensão Tópicos em Educação Antirracista, uma ação de extensão do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Alvorada, que forneceu formação a professores, funcionários e alunos tanto da comunidade externa quanto do campus para a prática de uma educação antirracista. Ancorados na Lei 10.639 e tendo como campo disciplinar os Estudos afro-latino-americanos (ANDREWS, 2007; GELADO; SECRETO, 2016; DE LA FUENTE, 2018), discutiu-se temas e questões relativas ao racismo e à educação antirracista, tendo como ponto de partida textos de literatura brasileira de escritoras negras. O projeto foi realizado em dez encontros *online* semanais de duas horas de duração, mediados por tecnologias de rede, como os aplicativos *Google Classroom* e *Google Meet*. Justifica-se a ação de extensão pelo fato de a cidade de Alvorada possuir a segunda maior taxa em homicídios de jovens negros do Rio Grande do Sul, violência que muitas vezes começa na escola, quando a mesma expressa em sala de aula o racismo institucional. O projeto surgiu como uma ferramenta para a aplicação de um plano de ação contra o racismo nas instituições de ensino. O projeto contou com oitenta e dois participantes assíduos, sendo 62% formado por pessoas negras, 63% com ensino superior e 71,3 % professores das redes municipal e estadual de diversos estados brasileiros. Vários profissionais relataram mudanças em práticas educativas a partir dos conhecimentos obtidos.

Palavras-chaves: racismo; antirracismo; ensino.

ABSTRACT

This article aims to present results of researches carried out from the University Extension Program Topics in Anti-Racist Education, an extension project from Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Alvorada that provided training to teachers, employees and students both from the external community and from the campus to practice anti-racist education. Anchored in Law 10,639, having Afro-Latin American Studies as the main field of study (Andrews, 2007; Gelado e Secreto, 2016; De la Fuente, 2018), themes related to racism and anti-racist education were discussed, taking as a starting point texts from Brazilian literature by black writers. The project was carried out in ten weekly two-hour online meetings, through network technologies, such as Google Classroom and Google Meet applications. The extension action is justified by the fact that Alvorada has the second highest rate of homicides among young black men in the Rio Grande do Sul, violence that often begins at school, when it is expressed in the classroom through institutional racism. The project emerged as a tool for implementing an action plan against racism in educational institutions. The project had 82 regular participants, 62% of whom were black, 63% with higher education and 71.3% teachers from public county and state schools in several Brazilian states. Several professionals reported changes in educational practices based on the knowledge obtained.

Keywords: racism; anti-racism; teaching.

INTRODUÇÃO

Em agosto de 2020, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) divulgaram o Atlas da Violência 2020. Feita com base no Sistema de Informação sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde, a pesquisa avaliou a violência no Brasil no ano de 2008 a 2018. Segundo o Atlas, os casos de homicídio de pessoas negras (pretas e pardas) aumentaram 11,5% em uma década, enquanto a taxa entre não negros (brancos, amarelos e indígenas) apresentou queda de 12,9%. Os dados divulgados demonstraram que 75,7% das vítimas de homicídio no país eram negras. A cidade de Alvorada possui a segunda maior taxa em homicídios de jovens negros do Rio Grande do Sul.

Para a diretora executiva do FBSP e coordenadora da pesquisa, Samira Bueno, em entrevista à Agência Brasil,

um elemento central para a gente entender a violência letal no Brasil é a desigualdade racial. Se alguém tem alguma dúvida sobre o racismo no país, é só olhar os números da violência porque traduzem muito bem o racismo nosso de cada dia (BUENO, 2020).

Conforme definição do jurista Adílson Moreira (2019), racismo é um tipo de dominação social que procura manter o poder nas mãos do grupo racial dominante. No mesmo sentido, define a teórica social Lélia Gonzalez (1979), ao afirmar que o racismo é uma articulação ideológica que toma corpo e se realiza através de um conjunto de práticas. Já para a cientista social María Dolores Pombo (2002), racismo é uma ideologia que mantém mecanismos de categorização e de exclusão para exercer poder sobre setores subalternos. E para o também jurista e filósofo Sílvio Almeida (2019), o racismo é um fator estrutural, que organiza as relações políticas e econômicas de um país. Em resumo, racismo é uma relação de poder, é uma articulação ideológica que se realiza através de um conjunto de práticas, é uma ideologia de dominação social cujos mecanismos de atuação variam ao longo do tempo e em cada sociedade.

Dessa forma, a violência que atinge a população negra muitas vezes começa na escola, quando a mesma expressa em seus espaços esse racismo presente na realidade de nosso país. O racismo afeta diretamente os jovens, não só pela violência em si, mas também por suas consequências: baixa autoestima, baixo rendimento escolar, segregação, sentimento de não pertencimento, evasão.

Uma educação antirracista é aquela que permite que todos tenham sua identidade e história respeitadas e acolhidas no espaço escolar. Para isso acontecer é necessário que gestores, funcionários, alunos e principalmente professores pensem e dialoguem em conjunto com as famílias, a comunidade, a sociedade civil, os estudantes e todos os profissionais de educação para compreender como o racismo se manifesta e para criar coletivamente um plano de ação para superá-lo.

Sendo assim, defendemos que o racismo na escola deve ser combatido através de práticas educativas antirracistas. Por isso, em 2020, desenvolvemos o Projeto de Extensão Tópicos em Educação Antirracista. Ancorados na Lei 10.639 e tendo como campo disciplinar os Estudos afro-latino-americanos (ANDREWS, 2007; GELADO; SECRETO, 2016; DE LA FUENTE, 2018), discutiu-se temas e questões relativas ao racismo e à educação antirracista, tendo como ponto de partida textos de literatura brasileira de escritoras negras.

CAMPO DISCIPLINAR E METODOLOGIA DO PROJETO

Os Estudos afro-latino-americanos se desenvolvem em resposta e em paralelo a uma onda de movimentos políticos, culturais e sociais racialmente definidos que se deu nos anos 60 do século xx, principalmente os diversos Movimentos Negros que surgiram na região da América Latina e que problematizaram pontos que confluíam em toda a região: escravidão, relações raciais pós-escravidão, desigualdades raciais e a organização política dos afrodescendentes. Sendo assim, os Estudos afro-latino-americanos partem do histórico e do teórico, pois remapeiam as histórias, estratégias e lutas dos chamados negros da região desde o tráfico de escravos do Atlântico Sul até os movimentos identitários atuais, mas tendo a raça como variável chave no processo de formação das nações latino-americanas. Nesse sentido, a agência dos afro-latino-americanos se constitui como perspectiva de análise também no campo das Artes, ainda que seja este um campo em construção, que inclui também o âmbito da Literatura e da Educação, bases na qual se situa o nosso projeto.

Trabalhamos os seguintes tópicos no projeto de extensão: diáspora negra, racismo estrutural, racismo institucional, racismo aversivo, racismo recreativo, apropriação cultural, colorismo, amor afrocentrado, empoderamento negro, intolerância religiosa, feminismo negro e interseccionalidade, conforme podemos ver no card de apresentação do projeto (Fig. 1).

Figura 1 – Card de apresentação do projeto.



Fonte: Autoria Natália Ceconelo Rodrigues.

Os citados tópicos foram abordados e debatidos em dez encontros *online*, de duas horas de duração, totalizando vinte horas de projeto, mediados por tecnologias de rede, como os aplicativos *Google Classroom* e *Google Meet*, e teve como objetivo instrumentalizar profissionais da educação e alunos para uma prática pessoal e coletiva de respeito à negritude e combate ao racismo. O projeto teve como eixo metodológico a leitura, análise e discussão de textos literários escolhidos de autoras negras brasileiras e de textos teóricos de cientistas e pesquisadores, em sua maioria negros e latino-americanos, buscando, assim, apresentar aos participantes uma epistemologia não eurocêntrica. Os participantes se envolveram ativamente na construção do diálogo para a compreensão tanto das questões relativas ao racismo e às questões étnico-raciais quanto de práticas educativas antirracistas. O projeto se assentou no tripé Ensino-Pesquisa-Extensão, já que se voltou ao público externo à instituição, tendo sua base no ensino de Literatura e é resultado de pesquisa acadêmica de membros da equipe executora. O projeto contou com a colaboração das professoras Mônica de Souza Chissini (IFRS/Farroupilha) e Nina Magalhães Loguercio (IFRS/Alvorada) e contou também com a participação efetiva de três bolsistas de extensão, alunas do Ensino Médio Técnico do IFRS Campus Alvorada. Concomitantemente à organização dos encontros, do vasto material disponibilizado aos participantes e da ordenação do debate e elaboração das respostas às dúvidas dos participantes, as bolsistas Stephanie Machado Paré, Victória Costa Alves Mariano e Natália Ceconelo Rodrigues desenvolveram pesquisas a partir de temas tratados diretamente no projeto ou relacionados a eles.

O projeto de extensão foi organizado da seguinte forma:

- a. Abrimos uma sala de aula no aplicativo *Google Classroom*. Semanalmente disponibilizávamos os materiais que seriam utilizados nos encontros online para prévia apreciação dos participantes (textos literários e teóricos, artigos, ensaios, vídeos e imagens). A leitura prévia, no entanto, não era obrigatória.

- b. Abrimos um período de inscrição *online* de dez dias, disponibilizando inicialmente cinquenta vagas. As mesmas se esgotaram nas primeiras seis horas de inscrição. Diante da grande procura, o que demonstrava o interesse de nosso público alvo – profissionais de educação – pela temática, optamos por aumentar para cem participantes. Em 24 horas todas as cem vagas foram preenchidas.

- c. Três dias antes do primeiro encontro, que ocorreu no dia 24 de setembro de 2020, os participantes inscritos receberam o link de acesso ao *Classroom*. Na sala de aula virtual, além dos materiais disponibilizados, os alunos obtinham informações sobre a instituição e sobre as organizadoras do projeto, sobre os conteúdos a serem trabalhados em cada encontro e tinham disponível um espaço para comentários e interações com outros participantes e com a equipe executora. Nesse mesmo dia, os participantes receberam também o link do aplicativo *Google Meet* para participarem do encontro em modalidade síncrona.

- d. Os encontros virtuais foram realizados uma vez por semana (quartas ou quintas-feiras, intercaladas). O trabalho se organizava da seguinte forma: os alunos mantinham câmeras e microfones desligados no primeiro momento, que durava uma hora e meia, no qual eram apresentados os textos literários e teóricos a serem trabalhados pela coordenadora do projeto e por professoras pesquisadoras convidadas, com o apoio de *slides* explicativos. Durante este primeiro momento, os participantes preenchiam o formulário de presença e interagiam por meio do chat, conforme podemos ver na figura 2. Nos trinta minutos finais, abria-se para debate e eram respondidas as dúvidas dos participantes. A organização dessa dinâmica era executada pelas bolsistas que assumiam três tarefas: abertura da sala e permissão de entrada; apresentação dos *slides*; e organização do chat e do momento de debate. As bolsistas também tinham como tarefa anotarem as perguntas que, por falta de tempo, não foram respondidas no encontro *online* e pesquisarem as respostas. Após revisão da coordenadora, as respostas das bolsistas eram publicadas no *Classroom*.

Figura 2 – Momento de interação entre os participantes e os palestrantes pelo chat do aplicativo *Google Meet* durante os encontros *onlines*

00:55:56.491,00:55:59.491

Rute Barros Esteves: As pessoas costumam chamar as religiões de matriz africana com um termo, mas tratando de forma pejorativa que é macumba, isso não seria considerado uma injúria racial?

00:57:41.734,00:57:44.734

Rute Barros Esteves: Mas uma pergunta só... Rsrs

00:57:55.750,00:57:58.750

Giselle Maria Santos De Araujo: Pode fazer, Rute, à vontade

00:59:49.696,00:59:52.696

sergio martins: Que aula fantástica! 🙌🙌🙌

00:59:57.878,01:00:00.878

Stephanie Machado Paré: Como responder os intolerantes que usam como desculpa as questões ambientais? Por exemplo "ah, mas sou contra as religiões de matriz africana porque elas poluem as nossas ruas com as oferendas." Sendo que são eles, geralmente, que poluem muito mais com indústrias e afins.

01:00:01.410,01:00:04.410

Giselle Maria Santos De Araujo: Link da presença:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdHGH5D_ztivS41onZtzNVxNItAWAs5iLQb7LV8U2szYepNw/viewform?usp=pp_url

01:00:35.879,01:00:38.879

Clarissa Souza: Olha, posso falar da minha experiência como evangélica: observo que infelizmente é mais comum o preconceito ter origem em vertentes neopentecostais, mas há exceções. Tenho inclusive uma amiga cristã evangélica que fez doutorado em antropologia e estudou a festa de Santa Bárbara e Iansã. Seu estudo relata a "integração" da celebração da igreja de Santa Bárbara juntamente com o candomblé. Por favor não generalizem os cristãos evangélicos.

Fonte: Próprias autoras.

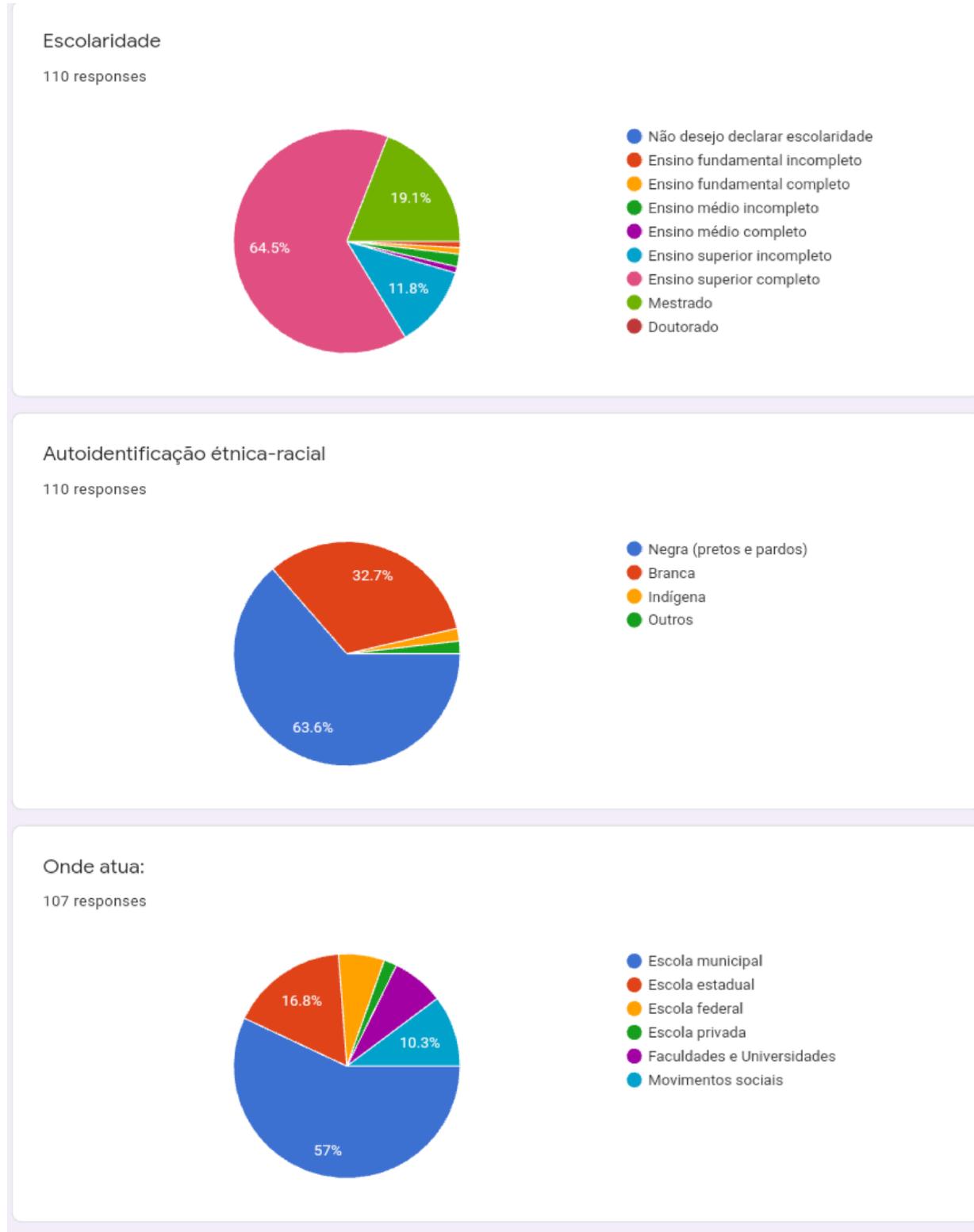
O projeto de extensão Tópicos em Educação Antirracista foi totalmente gratuito aos participantes.

PARTICIPAÇÃO

O Projeto Tópicos em Educação Antirracista contou com oitenta e dois participantes assíduos, sendo 63,6 % formado por pessoas negras, 64,5% tinham nível superior graduação e 73,8 % eram professores das redes municipal e estadual, conforme podemos observar na figura 3. Em relação ao gênero e idade dos participantes e as regiões abarcadas pelo projeto, 85,6% eram mulheres e 51,4% tinham entre 41 e 65 anos, como podemos ver na figura 4. Em relação à região abarcada pelo projeto, 36% dos participantes foram das regiões de Alvorada, Porto Alegre e Grande Porto Alegre. Mas tivemos também participantes dos estados do Rio de Janeiro, São

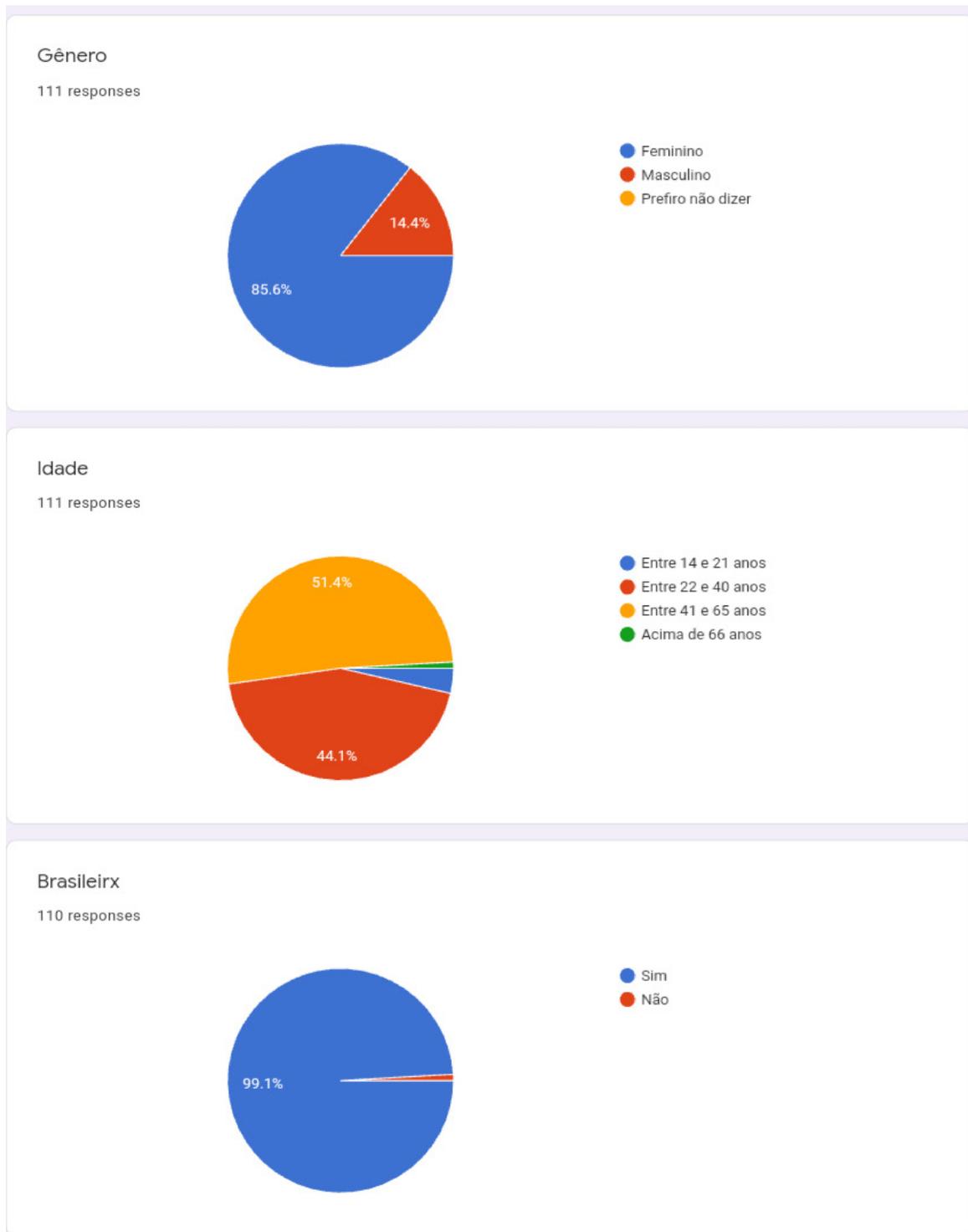
Paulo, Mato Grosso, Paraíba, Bahia e Pernambuco, e também um participante internacional, da Cidade do México.

Figura 3 – Porcentagem da etnia, formação e área de atuação dos participantes.



Fonte: Próprias autoras.

Figura 4 – Porcentagem de gênero e idade dos participantes e regiões abarcadas pelo projeto.



Fonte: Próprias autoras.

DIFICULDADES ENCONTRADAS

A maior dificuldade encontrada foi a conexão com a internet. Além de momentos de quedas de conexão, todas revertidas rapidamente, foi inevitável momentos de poluição sonora, já que todos, equipe executora e participantes, estávamos em nossas casas e não em um ambiente

escolar ou profissional. Outra dificuldade encontrada foi o controle total da participação dos inscritos, já que para receber o certificado de participação era necessária a presença em pelo menos 60% dos encontros *online*. Alguns participantes assinavam a lista de presença, mesmo não tendo participado dos encontros. Para confirmar a real participação, tivemos que recorrer às gravações do aplicativo *Meet*.

RESULTADOS

Levamos conhecimento teórico aprofundado aos participantes a partir de leituras, análises e debates de conceitos como negritude, culturas do Atlântico Negro, heterogeneidade cultural, miscigenação, democracia racial, raça, racismo e educação antirracista. Apresentamos a literatura de escritoras negras brasileiras a partir de textos de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Ruth Guimarães, Conceição Evaristo, Eliana Alves Cruz, Miriam Alves, Ana Maria Gonçalves, Adriana Ortega, Cidinha da Silva, Lia Vieira, Giselle Maria e Débora Garcia. Muitas destas autoras eram desconhecidas dos participantes, e após a leitura e análise de suas obras, participantes relataram que passaram a inclui-las na listagem da biblioteca de suas respectivas escolas e em seus planos de trabalho docente. Trabalhamos com o público alvo do projeto, professores e profissionais da Educação que atuam desde a educação infantil (incluindo toda a equipe docente de uma escola pública de educação infantil da região de Campinas- SP) até o ensino superior, com prevalência da rede pública. Alcançamos as regiões sul, sudeste, nordeste e centro-oeste do país. Tivemos a participação, como palestrantes de professoras que, além de pesquisadoras, atuam em sala de aula, e levaram aos encontros relatos de experiência reais de uma prática didático-pedagógica antirracista.

Os participantes se envolveram ativamente na construção do diálogo para a compreensão tanto das questões relativas ao racismo e às questões étnico-raciais quanto das práticas educativas antirracistas que foram geradas a partir dos debates. Vários profissionais relataram mudanças em práticas educativas a partir do conhecimento obtido no projeto.

CONCLUSÃO

O projeto de extensão Tópicos em Educação Antirracista propôs e efetivou o compartilhamento de conceitos e análises, a partir da leitura e pesquisa de textos teóricos e literários, mas também a partir de experiências do “chão da escola”, do convívio diário com alunos e colegas de profissão, na tentativa da construção de uma sociedade antirracista, isto é, uma sociedade em que a justiça racial seja uma realidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

ANDREWS, George Reid. **América afro-latina: 1800-2000**. São Carlos: EduFscar, 2007.

BUENO, Samira. **Entrevista à Agência Brasil**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/atlas-da-violencia-assassinatos-de-negros-crescem-115-em-10-anos>. Acesso em: 18 jan. 2020.

DE LA FUENTE, Alejandro *et al.* **Estudios afro-latino-americanos: uma introdução**. ANDREWS, George Reid; DE LA FUENTE, Alejandro (coord.). Buenos Aires: CLACSO, 2018.

GELADO, Viviana; SECRETO, María Verónica. **Afrolatinoamérica**: estudos comparados. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Cultura, etnicidade e trabalho**: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1979.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Rio de Janeiro: Pólen Livros, 2019.

POMBO, María Dolores. Estudios sobre el racismo en América Latina. **Revista Política y Cultura**, Distrito Federal, México, 2002, p. 289-310.

Data de recebimento: 28/01/2021

Data de aceite para publicação: 25/02/2021